

JB  
13/3/197 13

# Ciência

## Rio + 5 começa com um tom crítico

Organizadores afirmam que mundo ainda não tem desenvolvimento sustentável mas iniciativas locais obtêm bons resultados

ALEXANDRE MANSUR

O tom crítico da conferência internacional Rio + 5 foi antecipado ontem pelo canadense Maurice Strong, coordenador internacional do evento e presidente da organização Conselho da Terra. "Apesar dos avanços, o mundo continua em um caminho não sustentável", afirmou.

A Rio + 5, que começa hoje, vai avaliar o que os países fizeram desde a Conferência de Cúpula da Terra (Rio 92), realizada em junho 1992 no Rio, e estabelecer novas estratégias de ação. Os conferencistas vão examinar os itens da Agenda 21, uma carta de intenções assinada em 1992.

"Algumas mudanças aconteceram, mas não na escala necessária. Muitos processos destrutivos continuam em curso. Além disso, as forças que levam a esses processos foram mantidas", avisou Strong. Ele recusou-se a avaliar o desempenho ambiental brasileiro. "Não me sinto confortável para julgar o Brasil porque não conheço o país profundamente", disse. Mas Strong destacando alguns pontos problemáticos. "Houve uma aceleração da destruição dos recursos de biodiversidade no Brasil. Não digo isso para criticar o país, apenas para lembrar as implicações ambientais", apontou.

**Presidente** — "O Brasil é um país grande, com muitas diferenças. Em geral, a economia brasileira não é sustentável. Mas vejo um compromisso do presidente Fernando Henrique Cardoso", afirmou Strong. "É preciso lembrar que não se pode esperar uma cura imediata para esses males. O antigo comportamento das pessoas, empresas e órgãos de governo está muito arraigado", afirmou Strong.

O canadense lembrou que uma

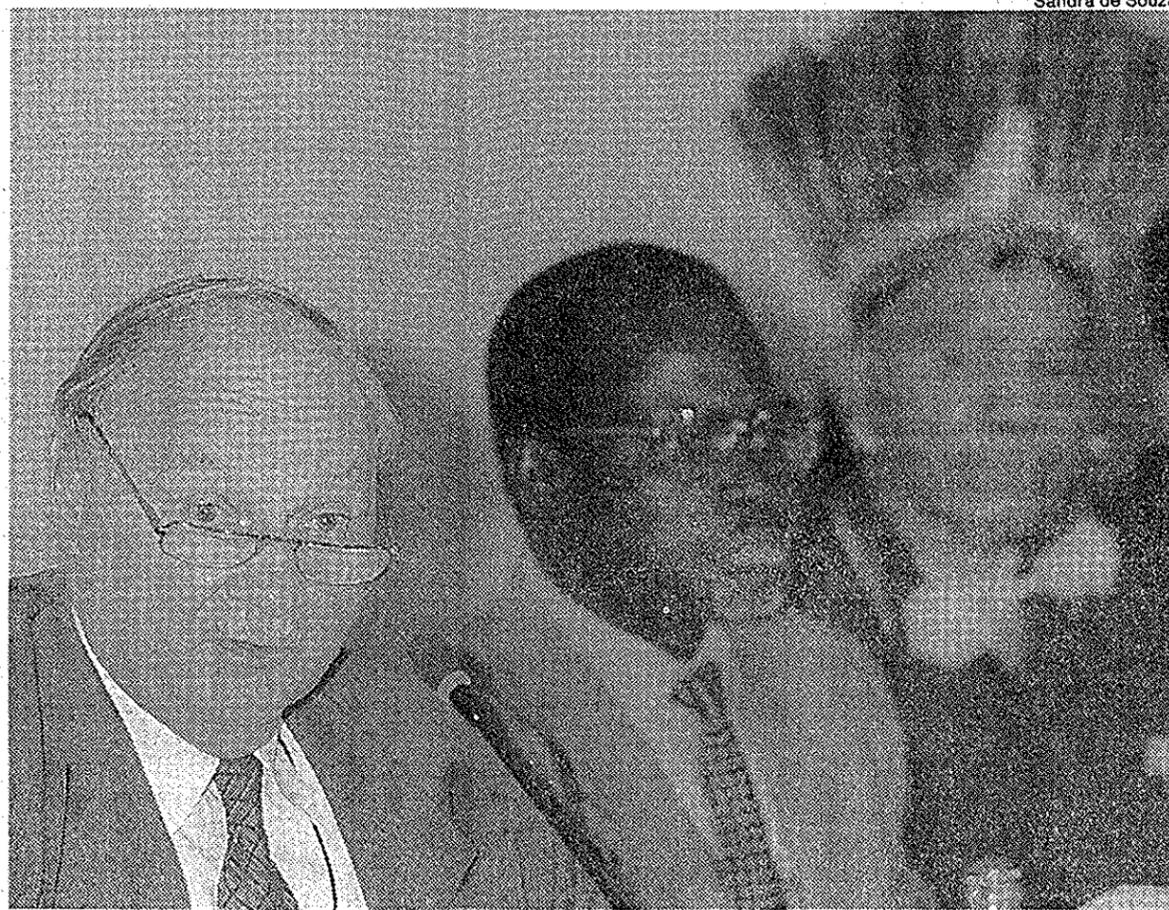
das grandes expectativas após a Rio 92 era que o fluxo de recursos para os países em desenvolvimento aumentasse. "De fato, o fluxo diminuiu", disse Strong.

O filipino Maximo Kalaw, diretor executivo do Conselho da Terra, enfatizou o caráter local dos avanços ambientais. "A maior parte dos projetos foi concretizada por prefeituras, províncias ou governos de estado. Nenhum país tem um plano nacional completo para a Agenda 21", afirmou.

**Gerenciamento** — Kalaw destacou que a Rio + 5 não deve ficar apenas no balanço do que foi feito desde 1992. "Essa é uma reunião para focalizar as coisas que funcionam. Devemos estabelecer modelos de gerenciamento para implantar projetos ambientais", afirmou. "Uma dos aspectos mais importantes aqui é como estabelecer um sistema para que as empresas valorizem negócios mais sustentáveis", explicou.

"É a primeira vez que se reúne, em igualdade de condições, organizações não-governamentais, pesquisadores e entidades internacionais", destacou Israel Klabin, coordenador nacional da conferência e presidente da Fundação Brasileira de Desenvolvimento Sustentável. "Os dois pilares para esse processo são o conceito básico de ecologia e a ética", disse.

Steven Rockefeller, membro do Comitê de Gerenciamento da Carta da Terra, lembrou que um dos objetivos da Rio + 5 é chegar a uma minuta desse documento. A Carta, que será apresentada na assembleia geral da Organização das Nações Unidas, em junho, resume a estratégia global de ação para o desenvolvimento sustentável. "Após as workshops da Rio + 5, esperamos chegar a uma proposta final", disse.



O coordenador da Rio + 5, Maurice Strong (E), quer novas alternativas para o desenvolvimento sustentável

### Projetos atraíram US\$ 1 bilhão

As 113 mais bem sucedidas experiências ecológicas brasileiras atraíram investimentos de mais de US\$ 1 bilhão da iniciativa privada, das organizações não-governamentais e do próprio governo. O balanço foi apresentado ontem pelo ministro de Meio Ambiente Gustavo Krause, durante o segundo dia do workshop Agenda 21, no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

"Há um abismo muito grande entre o que foi proposto e o que foi efetivamente realizado. Os resultados, no entanto, são suficientes para impedir retrocessos", disse o mi-

nistro, que ressaltou que o governo não deve deixar a limitação orçamentária impedir as articulações.

Tais Corral, consultora do ministério, explicou que os 113 projetos selecionados entre 230 foram os que preencheram melhor os quatro requisitos de avaliação: sustentabilidade, replicabilidade, gestão em parceria e integração multisetorial. Foi pré-lançado ontem um CD-ROM com todos os 113 projetos detalhadamente catalogados, dos quais 12 são do estado do Rio. Tais contou que até a assembleia das Nações Unidas, em junho, em Nova Iorque, o CD-ROM será am-

pliado para 130 projetos.

O grande destaque ficou por conta do Projeto Tamar-Ibama, que dividiu o prêmio oferecido pelo Fundo para Vida Selvagem (WWF), com um projeto das Filipinas e outro da Malásia. O Tamar-Ibama é responsável pela preservação de cinco espécies de tartarugas, tendo na temporada de 1996 e 1997 lançado 2,5 milhões de tartarugas no mar. O projeto opera 22 bases protegendo mil quilômetros de praia em nove estados. É a segunda vez que o Brasil leva o prêmio, tido como o Nobel da ecologia. A primeira premiação foi em 1981.

### Empresários já mudaram

Cinco anos depois de lançar as diretrizes ambientais para o setor privado, o Conselho Mundial de Empresários para o Desenvolvimento Sustentável (WBCSD) está apresentando um novo relatório. Em *Signals of change (Sinais de mudança)*, a coalizão de 120 empresas internacionais mostra o que está sendo feito na trilha de negócios mais ecológicos, e até mais rentáveis.

Em 1992, o WBCSD lançou o livro *Changing course (Mudando o curso)*, com as novas orientações empresariais em um mundo de crescentes pressões ambientais. A iniciativa rendeu frutos. "Um número crescente de empresários está descobrindo que é possível combinar a performance ecológica com a econômica", disse o suíço Björn Stigson, diretor executivo do WBCSD.

"Acreditamos que a indústria mudou mais do que qualquer outro setor da sociedade. E isso provavelmente aconteceu com a participação de comunidades locais", afirmou Stigson. Ele lembrou que, se o volume de recursos públicos para países em desenvolvimento caiu, a quantidade investida pelo setor privado cresceu. Hoje, cerca de 75% dessa verba vem do setor privado.

"Muitas empresas que apostaram em aprimorar os níveis de eficiência ambiental, modernizando seus processos, acabaram economizando dinheiro. É o caso da 3M, que economizou US\$ 700 milhões em três anos, com seu programa de eficiência", disse Stigson. O diretor da WBCSD lembrou que alguns setores terão que passar por mudanças radicais, principalmente o setor de indústrias ligadas aos combustíveis fósseis. (A.M.)